



A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA POR CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN

**FELDENS, Carla Schwarzbold¹; VIEIRA, Cícera Marcelina²;
RANGEL, Gilsenira de Alcino³.**

¹Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Educação. carsfel@yahoo.com.br;

²Bolsista do Programa de Educação Tutorial - PET Educação. cissamevi@yahoo.com.br;

³Professora membro da Tutoria Compartilhada do Programa de Educação Tutorial; orientadora do trabalho. gilsenira_rangel@yahoo.com.br.

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa procura focalizar a descrição e a análise do processo de aquisição da escrita por crianças com Síndrome de Down, investigando quais são os processos e os caminhos que deverá percorrer para compreender as características, o valor e a função que a escrita possui. Esta proposta, portanto, busca explicar as formas por meio das quais as crianças com síndrome de Down conseguem aprender a escrever.

O interesse em pesquisar, observar, acompanhar o processo de aquisição, construção da escrita não é atual. Essa curiosidade vem de anos e muitas pesquisas têm sido realizadas com esse intuito, destacando-se como a mais referenciada na literatura a obra de Ferreiro e Teberosky (1999) que afirmam: “Abordar uma investigação no campo da leitura e da escrita, no qual já existe uma grande quantidade de estudos e de publicações, pode não parecer novidade” (p. 35). No entanto, para as autoras estes estudos “justificam-se por permitir-nos encarar questões até agora não resolvidas” (p. 35).

A síndrome de Down é uma alteração genética caracterizada pela trissomia cromossômica do par 21, isto é, há um cromossomo extra. Entre os sintomas que mais podem comprometer o processo de aquisição da escrita estão a hipotonia muscular, que acaba dificultando ou retardando ações como engatinhar e caminhar, segurar o lápis; o nível de retardo mental (leve, moderado ou severo); alguns podem apresentar problemas de fala – que poderão dificultar o processo de apreensão do código escrito.

O desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é mais lento e apresenta dificuldades psicomotoras e de aprendizado, necessitando, assim, de uma maior estimulação desde o nascimento, visto que seu sistema nervoso central continua a amadurecer com o tempo.

Quanto ao período escolar, acredita-se pelo que se tem constatado, em pesquisas desenvolvidas, que essas crianças podem e devem participar de uma sala

de aula comum em escolas regulares. Para ser alfabetizada, conforme MILLS (2003), a criança precisa estar em contato com a escrita, o que sustenta a proposta da inclusão em classes regulares, onde o mundo letrado está fortemente exposto.

Ainda que não existam muitos estudos confirmatórios, foi possível ratificar, através de um estudo de caso, que o desenvolvimento fonológico segue as mesmas etapas constatadas para crianças normais (RANGEL, 2005). Desse modo, o desenvolvimento da criança com Síndrome de Down é semelhante ao desenvolvimento de uma criança sem a síndrome, ocorrendo de modo mais lento. Também por esse motivo não foram estipuladas idades para a coleta de dados. O que se pretende na verdade observar é essa construção da escrita em diferentes períodos da alfabetização.

A aquisição da linguagem escrita se dá mesmo antes de a criança entrar para a escola, começando seu caminho para a compreensão do processo da escrita (por volta dos 4-6 anos), fazendo-se perguntas do tipo: o que podemos escrever? Como escrever uma palavra, um pensamento, uma história? Quais são as letras e como juntá-las para escrever? Ao começar a escrever, o alfabetizando vai buscando respostas para essas perguntas e, ao mesmo tempo, formulando hipóteses sobre a escrita. Desse modo, vai vencendo etapas de desenvolvimento no processo de aquisição da escrita.

Os estudos empreendidos por Ferreiro e Teberosky (1999) foram de grande valia para a compreensão do processo de aquisição da escrita e da leitura em crianças e adultos não-escolarizados. Suas pesquisas constataram que, para chegar ao conhecimento da escrita, o alfabetizando organiza uma lógica, uma sequência no pensamento, formula hipóteses de como se escreve. Ao encontrar respostas para suas dúvidas, vai compreendendo que a escrita representa a fala e que há um sistema, ou seja, uma organização própria para escrever que o levará à apropriação da escrita e da leitura passando por diferentes níveis. Nas palavras de Vale (1999, p. 23), “A passagem, permeada por conflitos cognitivos, de um nível ao outro do conhecimento da escrita é o momento da gênese, da origem do novo conhecimento, é a inauguração de uma nova etapa na compreensão do que é e do como escrever. Este estudo é, então, a “Psicogênese da Língua Escrita”, que nos aponta que o alfabetizando vai se apropriando da escrita através de hipóteses que vão ficando cada vez mais complexas. Os estágios que percorre são o *pré-silábico*, o *silábico*, o *silábico-alfabético* e o *alfabético*.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados atende a todos os parâmetros para a definição de estágios de aquisição da escrita definidos por Ferreiro&Teberosky (1999). Estes são obtidos através da aplicação do teste pelo professor da criança ou por um psicopedagogo, ou ainda por um pesquisador bolsista. Podem ser consideradas também escritas espontâneas. A obtenção dos testes é baseada no método clínico de Piaget em que o experimentador incentiva a criança a escrever problematizando a sua produção, com o objetivo de chegar aos processos cognitivos envolvidos no ato de leitura e escrita.

Os dados apresentados nesta pesquisa foram coletados de acordo com o processo descrito acima na escola da crianças por uma pesquisadora com a saída da criança da sala de aula.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresentaremos os dados de duas coletas de uma criança descritos em separado, comparados posteriormente, para um possível estabelecimento de generalizações quanto às etapas de aquisição e desenvolvimento da escrita. Vejamos os resultados dos testes de uma menina, com então nove anos, com Síndrome de Down, aluna da 1ª série da rede regular de ensino – escola particular:

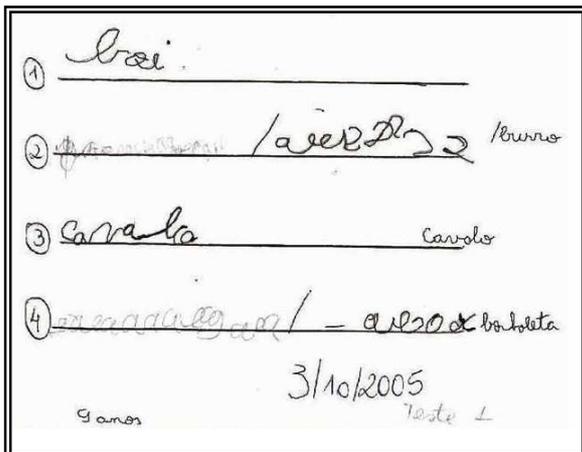


Figura 1: 1ª Coleta em 03/10/2005

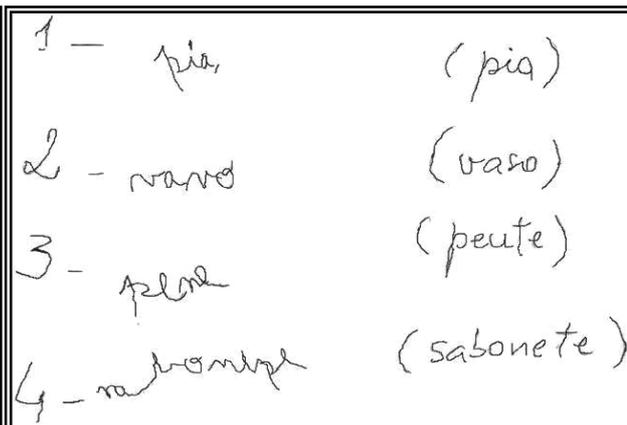


Figura 2: 2ª Coleta em 31/10/2005

Analisando os dados das duas coletas observa-se que a criança passa do nível silábico-alfabético para o nível alfabético da escrita em um período de 28 dias, sendo, portanto, considerado um grande avanço não só para o professor, mas para a própria criança. Contudo, este avanço não se dá de uma hora para outra, a criança vai se apropriando da escrita de forma lenta, vencendo cada etapa (conflito) que vai surgindo. Observando a Figura 1, percebemos que ela escreveu de acordo com o nível alfabético as palavras “boi” e “cavalo”, no entanto, é impossível ler as palavras “burro” e “borboleta”. Ao escrever as palavras e ser questionada sobre o que estava escrito, percebeu que “errara”, solicitando para apagar, sendo instruída a escrever ao lado da primeira escrita. Ainda assim, não foi possível estabelecer a correspondência letra/som ou letra/sílaba, inclusive a própria identificação das letras está complicada. Já na figura 2, vê-se o avanço em sua escrita, pois todas as palavras já podem ser lidas. Verifica-se, assim, que ela se encontra no *nível alfabético* de escrita, embora apresente algumas trocas de letras.

Vejamos também o registro do ditado feito no dia 07 de novembro de 2005 em sala de aula:

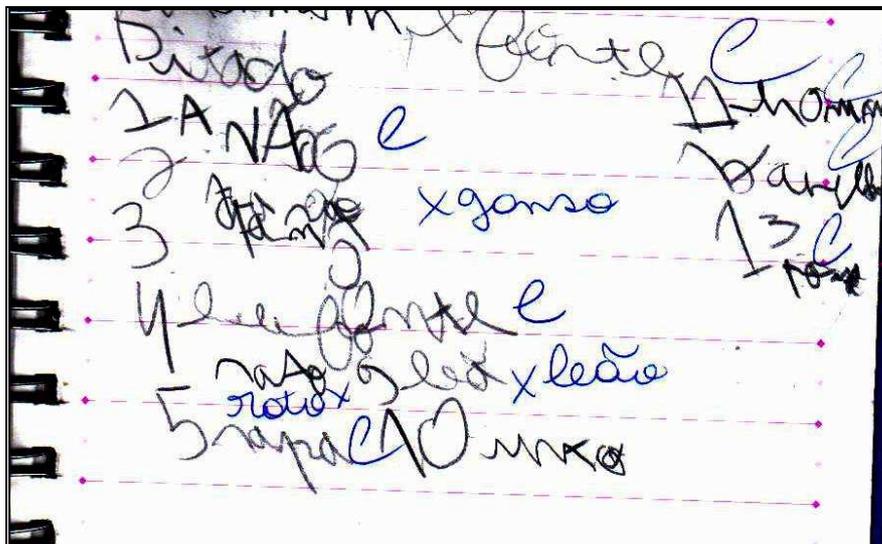


Figura 3: Ditado produzido em 07/11/2005

Com os dados do ditado, conseguimos perceber que a criança continua sua evolução encontrando-se, agora, no *nível ortográfico* da escrita, respeitando a correspondência letra-som e fazendo uso dos sinais gráficos de acentuação de maneira correta.

Comparando os dados apresentados com os analisados por Ferreiro e Teberosky (1999, pág. 206), podemos ver a grande semelhança das escritas aqui analisadas, apresentando os mesmos estágios de aquisição da escrita que crianças sem Síndrome estudadas por Rosa (2006).

4. CONCLUSÕES

Os resultados desta investigação nos indicam que as crianças com Síndrome de *Down*, em fase de alfabetização, passam pelos mesmos processos de aquisição da escrita que crianças que não a possuem.

O primeiro contato do professor com a proposta de inclusão causa certa insegurança, contudo aos poucos é superada. Para que este consiga ajudar o aluno a vencer cada etapa, é necessário que a auto-estima da criança seja valorizada, que ele considere que a criança com Síndrome de *Down* tem um tempo diferente das crianças sem a síndrome, que cansam mais rápido do que as outras. Por essa razão, as atividades precisam ser adaptadas, embora com o mesmo grau de dificuldades para todos.

Se o professor considerar que cada criança possui o seu tempo, perceberá a necessidade de traçar metas e definir quais são seus objetivos e onde quer chegar com o aluno. Para isso, alguns fatores carecem de consideração, como: será que avaliar ortografia numa prova de ciências é realmente necessário? Será que ditados com diferentes dificuldades ortográficas juntas são eficazes? Se tenho alunos mais adiantados na turma, por que não trabalhar com sistemas de monitoramento, no qual todos possam se ajudar, além de favorecer a socialização?.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZENHA, Maria da Graça. *Construtivismo. De Piaget a Emilia Ferreiro*. São Paulo: Ática, 1998.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FERREIRO, Emilia. *Reflexões sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MILLS, Nancy Derwood. A Educação da Criança Com Síndrome De Down. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. *Síndrome de Down*. 2ª ed. São Paulo: Memnon: Mackenzie, 2003.

RANGEL, Gilsonira de A. Aquisição da fonologia e a Síndrome de Down. *Cadernos de Pesquisas em Linguística*, Vol.1. nº 1. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

ROSA, Cristina M. *Aquisição da escrita: passos psicogenéticos de crianças em alfabetização*. Texto apresentado à ANPESul, março de 2006.

VALE, Maria José. Educação de Jovens e Adultos - a construção da leitura e da escrita. *Cadernos de EJA*. São Paulo: IPF, 1999.